

A harmonia entre religiosidade e visão progressista do mundo

PARA REUVEN FAINGOLD, O JUDAÍSMO SEMPRE FOI DINÂMICO E MUITO AVANÇADO PARA O SEU TEMPO

LIA BERGMANN
Especial para TJ

Historiador e educador. As duas profissões se unem no cotidiano de Reuven Faingold. Com uma bagagem cultural invejável, ele aceitou o convite do Colégio Iavne Beit Chinuch para lecionar, assumindo assim o desafio de transmitir aos jovens o seu conhecimento como doutor pela Universidade Hebraica de Jerusalém, membro do Congresso Mundial de Ciências Judaicas e fundador da Sociedade Genealógica Judaica do Brasil.

“Achei minha vocação nesta segunda profissão”, relata, apesar de que nunca deixou de atuar como historiador, aprofundando-se no estudo da área judaica, em seu doutoramento e em diversas especializações, seja sobre os judeus na Espanha e Portugal, controvérsias religiosas entre judeus e cristãos na Idade Média e judeus no Brasil durante o Segundo Império, entre outros.

Consciente de que é preciso mo-

tivar os alunos, criou uma “fototeca”, onde ilustrações ampliadas chamam a atenção para os locais, símbolos, vestuário de determinadas épocas, a partir do que o professor introduz textos referentes ao período estudado. “Pode-se, por exemplo, iniciar o estudo do anti-semitismo por intermédio de caricaturas.”

Para ele, não existe conflito entre religiosidade e visão progressista do mundo. “O Judaísmo sempre foi dinâmico e muito avançado para o seu tempo”, relata, contando bem-humorado que as recomendações de Maimônides sobre como lidar com alunos travessos, ainda são válidas.

“Hoje a educação e a fé estão se dissociando, mas mesmo uma escola ortodoxa coloca os alunos em contato com as mais modernas tecnologias, computadores, internet. Tudo isto não é contrário aos valores éticos do Judaísmo. Podemos, por exemplo, estudar o conceito de justiça social, tzedacá nas fontes históricas e ver como aplicá-lo hoje em um projeto onde os alunos contribuem para o Ten Yad.” E acres-



CENTRAL DE FOTOS DA TJ

centa: “É preciso educar o aluno para que seja um ser humano completo, não descontextualizado, sem abrir mão de sua própria convicção religiosa e cultural. Judaísmo não é como camisa de time de futebol, que quando o clube vai mal é só trocar”, diz acreditando que a identificação com o Estado de Israel já foi mais fácil, “quando a sobrevivência do país estava em risco, os judeus se uniam para ajudar”.

Considerando seu trabalho gratificante, o professor-historiador – que, em breve, lança o livro “Judeus de Além-Mar” – conclui: “Não há nada melhor do que ter orgulho do que somos e podermos optar pela continuidade deste processo. Gosto de pensar que meu filho, meu neto, meus bisnetos vão continuar sendo judeus. Isto depende de cada um de nós. Se cada um colocar o seu grão de areia, certamente isso poderá se tornar realidade.”

Faingold: “É preciso educar o aluno para que seja um ser humano completo, não descontextualizado, sem abrir mão de sua própria convicção religiosa e cultural”.